

## **TRABALHO COLABORATIVO ENTRE O AEE E A ESCOLA COMUM: CAMINHO POSSÍVEL PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ESTUDANTE AUTISTA**

Carla Carvalho Cardoso <sup>1</sup>  
Maria Angélica A.M. Pisetta <sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A pesquisa foi construída a partir da trajetória vivida como pedagoga na instituição pública Unidade de Trabalho Diferenciado, que oferece o atendimento educacional especializado (AEE), no turno inverso da escola comum para estudantes autistas no município de Angra dos Reis, a qual, de acordo com a sua organização estrutural, pode ser entendida como um Centro de Atendimento Educacional Especializado.

Com a prevalência crescente da identificação de estudantes autistas e a ampliação da matrícula nas escolas comuns do município, surgem algumas inquietações sobre o processo inclusivo e a respeito das relações estabelecidas entre o AEE e a escola comum. Os desafios evidentes neste caminho, impulsionaram a realização desse estudo, visando aprofundar as reflexões sobre o processo inclusivo desses estudantes, levantar novas indagações, identificar o desconhecido sobre esta realidade e promover a ressignificação das ações voltadas para este público, de modo a favorecer sua aprendizagem

O objeto central do estudo foi o papel do trabalho colaborativo entre o atendimento educacional especializado/AEE e a escola comum no processo de inclusão dos estudantes autistas. E a situação problema a ser investigada: O que a Educação Especial, através do trabalho colaborativo entre o atendimento educacional especializado e a escola comum, contribui efetivamente no processo ensino-aprendizagem dos estudantes autistas incluídos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

O estudo baseou-se na metodologia pesquisa qualitativa (Bogdan e Biklen, 1994), pesquisa-intervenção (Moreira, 2008) e análise de conteúdo (Bardin, 2016). O objetivo geral foi compreender qual é influência do trabalho colaborativo, entre o pedagogo (ou diretor), professores da escola comum e do AEE, no processo de inclusão dos estudantes autistas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, [carla09.cardoso@gmail.com](mailto:carla09.cardoso@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora orientadora: Pós Doutora, Universidade Federal Fluminense – UFF, [angelicapisetta@gmail.com](mailto:angelicapisetta@gmail.com)

Os objetivos específicos desenvolvidos nas etapas desse estudo foram: (I) analisar a pertinência do trabalho colaborativo através de rodas de conversa entre o AEE e a escola comum no processo inclusivo do estudante autista; (II) conceituar o que é o autismo a partir das principais correntes científicas (visão sintomatológica, neurodiversidade e psicanálise); (III) realizar rodas de conversa entre o pedagogo (ou diretor), professores do AEE e a escola comum para o estabelecimento do trabalho colaborativo; e (IV) identificar as implicações do trabalho colaborativo no processo de inclusão do estudante autista, a partir da organização e análise dos dados referentes as rodas de conversa entre o AEE e a escola comum sobre a prática pedagógica.

Os resultados demonstraram a potência da realização das rodas de conversa entre os professores do AEE e professores das escolas comuns, na perspectiva da consultoria colaborativa, contribuindo na articulação entre os profissionais, na promoção de reflexões e construção coletiva de caminhos mais favoráveis ao processo inclusivo do estudante.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A estratégia metodológica utilizada nesse estudo foi a pesquisa qualitativa, pesquisa intervenção e análise de conteúdo, desenvolvendo-se por meio da realização de rodas de conversa e gravação de áudios, identificados como meios importantes para coletas de dados e avaliação. O levantamento de dados foi a partir da análise dos relatos dos sujeitos participantes durante as rodas de conversa entre as escolas comuns e o AEE, as quais tiveram a duração de 1h30m aproximadamente, sendo 1 no formato remoto via Google Meet, devido às restrições impostas pelo período da Pandemia COVID 19 e as outras 5 rodas de conversa ocorreram no formato presencial.

A pesquisa foi realizada em duas escolas comuns dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, totalizando 10 profissionais (1 Aux. de Direção, 2 pedagogas, 2 professores da Escola Comum, 2 Monitores de Educação Especial e 3 professores do AEE) e, estruturada em 4 etapas: **Etapa 1** - *Conhecimento da proposta da pesquisa*; **Etapa 2** – *Integração, situação problema e construção de ações*: inicia-se a roda de conversa 1, trazendo relatos sobre o processo inclusivo do estudante autista, as experiências em sala de aula e no AEE. Neste momento, entende-se a realidade em cada contexto, identifica-se os desafios e/ou situações problemas, para coletivamente traçar caminhos possíveis de atuação na escola comum e intervenção do AEE; **Etapa 3**- *Intervenções e novos desdobramentos*: acontece a roda de conversa 2, momento para relatar o que foi realizado, quais as intervenções aplicadas e o que

se percebeu no processo. Etapa aberta para trazer qualquer demanda ou situação ocorrida no intervalo entre as rodas e definir, em conjunto, os passos seguintes para intervenções práticas que se fizerem necessárias.; **Etapa 4 – Processo geral e perspectivas:** roda de conversa 3, momento voltado para diálogo e reflexão sobre as ações e efeitos percebidos na prática desde a roda de conversa 1. Em cada instituição escolar, toda discussão foi centrada em um estudante autista comum, ou seja, matriculado em uma determinada classe na escola e o mesmo, frequenta o AEE no turno inverso.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico de base para este estudo são Damiani (2008); Marin, Braun (2013); Mendes, Vilaronga, Zerbato (2018); Capellini, Zerbato (2019), que trazem a abordagem do ensino colaborativo entre a educação especial e ensino comum; Araújo e Almeida (2018); Campos (2018) e Oliveira (2018), que trazem a discussão sobre o modelo consultoria colaborativa; Maleval (2017), Pisetta (2019, 2022), os quais abordam a psicanálise e enfatizam uma nova dimensão e percepção sobre o sujeito autista, respeitando sua singularidade.

Outros referenciais de apoio são utilizados no desenvolvimento deste estudo, a fim de contribuir na compreensão sobre o autismo e as possibilidades do trabalho colaborativo entre o AEE e a escola comum.

Tomando como base os referenciais, em dos capítulos, inicia-se a discussão teórica do eixo central deste estudo, trazendo inicialmente uma reflexão sobre “O Trabalho Colaborativo entre o AEE e a Escola Comum”, subdividido em três subcapítulos, nomeados: Aspectos legais com ênfase no trabalho colaborativo; Uma abordagem sobre o trabalho colaborativo e, A colaboração – caminho favorável à inclusão, sendo este último, subdividido com a temática: Relação inevitável – perspectiva inclusiva e cultura colaborativa. Logo a seguir, em outro capítulo, intitulado “Conceituações do Autismo: na direção do sujeito”, organizado em três subcapítulos, sendo o primeiro, Corrente científica sintomatológica; o segundo, Corrente científica – neurodiversidade e, o último, Corrente científica – psicanálise.

As discussões estabelecidas, tiveram a finalidade de reforçar a urgência do estabelecimento da articulação entre o AEE e escola comum, visando romper o sentimento de solidão do professor diante dos desafios da inclusão. Este processo precisa ser balizado nas premissas do diálogo, da horizontalização nas relações, ouvir e acolher o divergente, construção coletiva, na perspectiva de superação das situações problemas. Ainda, promove a

discussão sobre as formas variadas de conceber o autismo, valorizando a ciência e, ao mesmo tempo, ressaltando a necessidade de considerar o autismo em sua subjetividade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para análise dos dados foram usadas as fases indicadas por Bardin (2016), que são a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação, objetivando interpretar de forma aprofundada as mensagens expressas pelos participantes e realizar uma investigação precisa para revelar os diferentes conhecimentos que envolvem o objeto desse estudo.

Após o tratamento dos resultados e interpretação, foram reveladas e discutidas três categorias. A primeira a categoria identificada foi “Trocas de experiências”, que traz a dinâmica da discussão nas rodas de conversa, os caminhos construídos a partir da troca de experiências entre os professores e demais sujeitos da pesquisa, na perspectiva de avanços no processo inclusivo do estudante autista, superação das situações problemas, além das percepções sobre o trabalho colaborativo realizado.

No segundo momento, apresenta-se a categoria “O olhar sobre o estudante autista”, trazendo como o estudante autista é identificado e/ou caracterizado nas ações cotidianas, mediante conhecimento construído sobre ele. Esta categoria provoca uma discussão a respeito de como o estudante autista é enxergado e reconhecido no espaço educacional, a qual pode resultar em perspectivas favoráveis para sua percepção enquanto sujeito singular ou não e, afetar todo processo de intervenção pedagógica e conseqüentemente, sua aprendizagem.

Na terceira abordagem, “Desafios e a contradição do não lugar”, traz a discussão a partir dos relatos que expressam diferentes percepções sobre o desafio da inclusão do estudante autista, os quais retratam desde um discurso na perspectiva da inclusão e, ao mesmo tempo, alguns recuos e contradições externados nas falas, o que tornam mais visíveis as dificuldades que permeiam o processo inclusivo.

Em relação aos resultados que foram identificados durante as rodas de conversa, destacaram-se: a disponibilidade e interesse dos professores e demais sujeitos para o diálogo e trocas de experiências sobre a prática pedagógica, dentro de uma relação horizontal; o anseio por mais encontros para a realização do trabalho colaborativo; o envolvimento de um maior número de responsáveis no trabalho colaborativo; a socialização de conhecimentos sobre recursos de tecnologia assistiva como sugestão para o planejamento pedagógico; a percepção da importância da participação da família; a revelação do professor da escola comum do

desejo da participação de outras áreas especializadas na discussão sobre a inclusão do estudante autista, corroborando com o que é previsto no modelo de consultoria colaborativa; a falta da garantia de tempo espaço para articulação; a falta de maior periodicidade dos encontros; o enquadramento do estudante autista dentro da padronização da escola comum, desconsiderando sua singularidade e, o discurso centrado na medicalização e comportamento, interpretado como inadequado e que invade o sujeito autista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As realizações das rodas de conversa entre as escolas comuns e o AEE, em seus 3 encontros, com agendamentos prévios, organizados em etapas específicas e objetivando uma conexão entre elas, permitiram momentos de trocas de experiências, escuta, conflitos de ideias e concepções sobre a inclusão, maior conhecimento das possibilidades e potencialidades dos estudantes autistas e a construção de novas ações para favorecer o processo de inclusão.

O trabalho colaborativo pela via das rodas de conversa demonstra ser um meio importante e potente para ressignificar o ambiente escolar, contribuir na articulação entre os professores, integrar o fazer pedagógico, refletir sobre a prática, rever conceitos, construir coletivamente, visando a superação dos desafios em busca de um processo de ensino e aprendizagem mais favorável as necessidades e especificidades do estudante autista e seja mais condizente com a perspectiva da Educação Inclusiva.

Os resultados desse estudo provocaram novas indagações e impulsionaram maior aprofundamento a respeito do processo inclusivo e a articulação entre os professores através do trabalho colaborativo, tendo como eixo central os efeitos dessa relação na percepção da corporeidade do estudante autista enquanto linguagem.

Contudo, o estudo já realizado reforçou a necessidade de prosseguir no caminho sobre o tema educação inclusiva, evidenciando a necessidade da concretização de políticas públicas que de fato garantam o efetivo trabalho colaborativo em prol da diferença, da singularidade e aprendizagem de cada estudante autista.

**Palavras-chave:** Trabalho Colaborativo; Consultoria Colaborativa; Inclusão; Estudante Autista.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. L. S.; ALMEIDA, M. A. Contribuições da consultoria colaborativa para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual. *Revista Educação Especial*, 2014. 27(49), 341–352. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/8639> . Acesso em: 29 jan. 2022.
- CAMPOS, D. M. F. Formação continuada na perspectiva da consultoria colaborativa: contribuições no contexto da inclusão escolar. 2018. 169f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Região Catalão, Catalão, GO, 2018.
- CAPELLINI, V. L. M. F.; ZERBATO, A. P. O que é ensino colaborativo. São Paulo: Edicon, 2019.
- DAMIANI, M. F. Entendendo o ensino colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Revista Educar*, Curitiba: Ed. UFPR, 2008, n. 31, p. 213-230. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/FjYPg5gFXSffFxr4BXvLvYx/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 08 ago. 2021.
- MALEVAL, J. C. O autista e a sua voz. São Paulo: Blucher, 2017.
- MARIN, M.; BRAUN, P. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. In: GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. (org.). *Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 49-64.
- MENDES, E. G; ALMEIDA, M. A.; TOYODA, C. Y. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 81-93, jul./set. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/3pWHVwTHV43NqzRzVDBJZ7L/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 dez. 2021.
- OLIVEIRA, P. S. de. Consultoria colaborativa como estratégia para promover inclusão escolar em aulas de educação física. 2018. 182 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2018.
- PISETTA, M. A. A. M. Escuta de professores de autistas incluídos na educação infantil. In: V Seminário Internacional de Inclusão em Educação? Anais UP5. Rio de Janeiro: Universidade e Participação: Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica, 2019. P. 1- 6. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/444232107/Pisetta-Maria-Angelica-A-M-2017-Escuta-de-professores-de-autistas-na-Educacao-Infantil-In-ANAIS-UP5-atualizado-14-11-2019>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- PISETTA, M.A. Autismo e experiências com a palavra em grupo de educadores. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.